

APRESENTAÇÃO

Cultura & Sociedade. Pensamos este dossiê tomando como pressuposto a relação intrínseca entre esses dois termos. O título também se remete ao livro clássico de Raymond Williams, consistentemente resenhado por Ugo Rivetti nesta edição n. 7 da Revista Idéias. Nessa obra, o marxista britânico defende que a noção moderna de cultura emerge em meio à experiência histórico-social inaugurada pela revolução industrial e adquire contornos em reação às mudanças introduzidas pela modernidade. Na esteira desse processo, certa tradição (em particular a do romantismo inglês) concebeu a cultura – e a arte, em específico – como um âmbito dissociado da sociedade: dissociado porque superior, lugar de preservação dos valores e iluminações contrapostos à mesquinhez da experiência capitalista. Em outra perspectiva, a tradição de pensamento à qual se filia Williams, e que Maria Elisa Cevalco denomina de “tradição materialista”, busca justamente os elos entre produção cultural e processo social, entre arte e contexto histórico, entre forma estética e realidade sócio-histórica. Os modos de apreensão desses liames, entretanto, são diversos e um dos nossos interesses foi trazer à discussão problemáticas teórico-metodológicas e análises concretas que trabalham com essas questões.

Os estudos de cultura em abordagens relacionadas às Ciências Sociais e à História vêm se expandindo largamente ao longo dos últimos anos e este dossiê não tem a pretensão de contemplar de maneira eclética as diversas tendências e enfoques teóricos que se apresentam na área. Ao contrário, consideramos que os ensaios apresentados neste dossiê *Cultura & Sociedade: para uma análise cultural materialista* – escritos por professores convidados, com consolidado trabalho na área – compõem um todo coerente e bem articulado, não obstante a independência e a singularidade de cada perspectiva. Âmbitos diversos da produção cultural, como literatura, cinema e música, são analisados a partir de olhares sempre atentos às imbricações com o processo social,

tanto nos ensaios de cunho mais teórico, quanto naqueles que se debruçam sobre obras específicas.

No primeiro texto, *“O diferencial da crítica materialista”*, Maria Elisa Cevasco procura delinear as principais referências da tradição materialista de estudos da cultura inscritas no âmbito do chamado Marxismo Ocidental. Cevasco enaltece a importância do pensamento de Lukács como fundamental para a compreensão do caráter sistêmico do modo de produção capitalista, o que implica dizer que as esferas da cultura e da sociedade não devem ser separadas, mas, sim, vistas sob o prisma da totalidade. Trata-se, pois, de um dos pressupostos mais fecundos da análise materialista da cultura: entender de que maneira a cultura concretiza e formaliza as relações sócio-históricas. Para tanto, a autora constrói uma espécie de genealogia que abrange as tradições de pensamento da chamada Escola de Frankfurt e seu papel fundamental na compreensão do mundo fetichizado sob a égide da Indústria Cultural; aponta a importância de Herbert Marcuse para o entendimento do processo de “neutralização universal” que tem consequências psíquicas, sociais e políticas; retoma a crítica à reificação da imagem pela indústria cultural, a partir das análises feitas por Guy Debord; avança para o pensamento de Raymond Williams, autor que desmonta a dicotomia entre cultura e sociedade de modo a construir uma maneira de pensar a cultura sob a perspectiva da mudança; e chega às concepções teóricas de Frederic Jameson, autor que procura demonstrar, de forma abrangente e crítica, as reais condições da pós-modernidade, momento histórico do capitalismo tardio cuja lógica é em si cultural. Por fim, a autora nos remete a Roberto Schwarz como o principal representante dessa vertente no Brasil, salientando o caráter peculiar de desenvolvimento cultural e histórico das nações periféricas.

Versando sobre a dicotomia existente entre alta e baixa cultura, Maria Eduarda da Mota Rocha, em *“Notas sobre a dualidade entre “alta” e “baixa” culturas no campo cultural brasileiro”*, demonstra que tal separação assume diversas características ao longo da história e de acordo com contextos sociais diferentes, constituindo uma forma de distinção social ancorada em instituições, por

exemplo. No caso do Brasil, o dualismo erudito-popular se transformou significativamente ao longo do tempo. Um marco dessas mudanças foi a Semana de Arte Moderna de 1922, em que, na busca pelas raízes nacionais, o popular foi alçado a objeto de estudo e análise, deixando de ser considerado apenas como tema para tornar-se fonte de recursos para inovações formais. Rocha trabalha diversas nuances desse processo até chegar à consolidação da cultura de massas no Brasil e à forma como as políticas culturais têm lidado com essa espinhosa, e ainda presente, dicotomia.

No ensaio seguinte, *Cinema, o tempo social e o seu intérprete*, Célia Tolentino propõe uma discussão de fundo sobre a relação entre arte e tempo histórico e traz considerações mais específicas sobre a maneira como essa relação se estabelece no cinema. Em defesa de uma análise dialética, a autora entende o artista e a sua obra como produtores e produtos da história e retoma tanto o cineasta russo Eisenstein quanto o teórico norte-americano Frederic Jameson para refletir sobre o que ela denomina “narrador social”, que se estabelece na relação entre matéria (social) e os instrumentos cognitivos e históricos com que se compõe uma representação. Ao trabalhar concretamente tais pressupostos, a autora se detém sobre os filmes “Jeca Tatu” (1959) e “Deus e o diabo na terra do sol” (1963) que, em chaves diametralmente distintas, trabalham questões caras ao contexto sessentista particularmente no tocante ao status do rural em relação ao almejado “moderno” que assume conotações diferentes nos dois filmes. Tanto em um como no outro, a narrativa interessa justamente por trazer em si o enfrentamento da matéria (social) pela forma (artística), num trabalho como o do escultor sobre o mármore – para nos remetermos à metáfora de Jameson mobilizada por Tolentino.

O debate sobre o progresso civilizador no mundo rural também será abordado pelo ensaio de Pedro Meira Monteiro, *Entre duas preguiças: Macunaíma e o Jeca Tatu*, que procura ultrapassar as clássicas querelas existentes entre os modernistas e Monteiro Lobato para estabelecer outra intersecção interessante e necessária: os personagens Jeca Tatu e Macunaíma como precursores de uma preguiça que se coloca à parte do mundo da civilização. Monteiro

esmiúça essa relação para demonstrar que cada um dos autores resolve o dilema da preguiça de modo peculiar. Ambos estão inseridos no debate em torno do projeto nacional a ser desenvolvido no Brasil, porém, o que os irá distinguir é justamente a relação com o passado, o papel da modernização e a postura diante do progresso. Mais do que optar por uma ou outra vertente, Pedro procura mostrar os pontos de conflito entre tais escritores, pois isso também revela um embate específico das nações periféricas diante do progresso.

Por fim, com a intenção de demonstrar como a canção revela e estrutura aspectos importantes da vida social, Walter Garcia apresenta em *Elementos para a crítica da estética do Racionais MC's (1990-2006)* questões relacionadas ao modo como a violência, estruturada e perpetuada na sociedade brasileira, fundamenta-se como forma de revide pelo grupo de rap Racionais MC's. Ao longo da trajetória do grupo, a noção de violência clarificada por suas canções, foi se alterando e incorporando outras problemáticas. Garcia, ao longo do texto, busca referências literárias que, em sua análise, são cotejadas aos raps. Desde a violência social de Lima Barreto, passando pela miséria retratada por Manuel Bandeira ou os resquícios da escravidão em uma sociedade que ainda convive com as agruras da violência racial retratadas por Chico Buarque e João Bosco na canção *Sinhá*, Garcia demonstra que, apesar de estilos estéticos e contextos diversos, há confluências de temas que são retomados pelo Racionais MC's. A abordagem do grupo, não obstante, trabalha essas questões numa chave de quem dá voz à periferia, diferentemente da composição de Chico Buarque e João Bosco, na qual o conflito das relações raciais, na forma como a canção se estrutura, não gera tensão e, sim, um sentimento adocicado.

Somando-se aos ensaios, e igualmente central para este dossiê, temos a entrevista realizada com a professora Iná Camargo Costa, nome de referência nos estudos de cultura, e do teatro em particular, cuja postura de embate ao capitalismo é notável. Concisas e agudas, como não poderiam deixar de ser, suas palavras explicitam a perspectiva crítica com que concebemos este dossiê.

Extrapolando o âmbito estritamente acadêmico, a entrevista aborda a trajetória da pesquisadora e trata de questões a um só tempo culturais, sociais e políticas, âmbitos para nós intimamente relacionados.

A seção “tradução” contempla três ensaios do livro *The responsibilities of the novelist and other literary essays*, do escritor estadunidense Frank Norris, vertidos para o português por Lucas André Berno Kölln. Publicados originalmente em 1903, os textos trazem marcas de sua época e da filiação do escritor ao naturalismo literário, deixando patente uma concepção restrita de literatura engajada que vê o romance como “um instrumento, uma ferramenta, uma arma, um veículo”. São, entretanto, textos interessantes justamente por trazer à luz, ineditamente em português, as reflexões do “Zola americano” sobre as relações entre literatura e realidade social e o papel de intervenção do romancista nessa realidade.

A edição inclui ainda quatro resenhas de obras recém-publicadas no Brasil que dialogam diretamente com a problemática central do presente dossiê: *Os sentidos da modernidade*, de Ugo Rivetti, trata da obra *Cultura e Sociedade*, de Raymond Williams; *Literatura e História*, de Emiliano César de Almeida, aborda *O Romance Histórico*, de Georg Lukács; *A escuta sociológica da arte: música e crítica da sociedade em Adorno*, de Bruna Della Torre de Carvalho Lima, apresenta *Introdução à sociologia da música de Theodor W. Adorno*; e, por fim, *Retratos de um tempo, potências do pensamento*, de Alexandre Fernandes Vaz focaliza a *Correspondência (1929-1940)* trocada entre os pensadores (da cultura e da sociedade) Theodor Adorno e Walter Benjamin.

O número 7 da Revista *Idéias* se completa com mais quatro artigos na Seção Livre, compondo um quadro temático variado e instigante. Eugênio Rezende de Carvalho, em *A polêmica entre Leopoldo Zea e Augusto Salazar Bondy sobre a existência de uma filosofia americana (1968-1969)* traz uma análise dos debates travados entre os dois autores indicados no título em torno da existência de uma filosofia latino-americana, proposta pelo pensador argentino Juan Batista Alberdi no século XIX. No artigo *Para além da norma:*

violência mítica/violência divina em Walter Benjamin, Felipe Bier examina o ensaio de Walter Benjamin, intitulado “Para uma crítica da violência”, atentando especificamente aos conceitos de violência mítica e violência divina que estruturam tal ensaio. Em *Limites e controvérsias da implantação de políticas para a juventude: a experiência do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) no Município de São Paulo*, as autoras Maria Paola Ometto e Sílvia da Silva Craveiro analisam as dificuldades de implantação de políticas públicas para a juventude, focando o caso do ProJovem na cidade de São Paulo e trazendo à tona a importância de uma discussão mais ampla sobre os desdobramentos desse tipo de política voltada para os jovens. Por fim, Samara Megume Rodrigues e Angela Maria Pires Caniato, em *Olho-gordo e fura-olhos na sociedade do espetáculo: reflexões psicopolíticas sobre a inveja*, trazem, à luz da Psicanálise e da Teoria Crítica, uma discussão sobre o sentimento de inveja na sociedade contemporânea.

Agradecemos a todos os membros do corpo editorial que trabalharam por esta edição da *Idéias*, a Magaly Marques Pulhez pela arte da capa que compõe este número, a Maria Cimélia Garcia, ao Setor de Publicações e à direção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Somos especialmente gratas aos autores dos textos que fazem parte deste número.

Caroline Gomes Leme
Daniela Vieira dos Santos
Mariana Marques Pulhez
Vera Ceccarello

Editoras Revista *Idéias* número 7